

A formação cultural e a luta política nos *Escritos Políticos* (1910-1926) de Antonio Gramsci: a busca pela construção da práxis política emancipatória

Evandro Santos Duarte¹⁶

1 Considerações iniciais

Antonio Gramsci (1891-1937) durante sua trajetória de luta pela transformação social radical, sempre se colocou ao lado dos trabalhadores, entendendo-os como a classe revolucionária. O filósofo via nos subalternos potenciais formadores para uma nova concepção de sociabilidade, em que o livre pensamento e a criação independente fossem os organizadores de toda a vida, onde todos pudessem ter as condições materiais de existência para que, nas palavras do próprio autor sardo¹⁷, fossem “o que quisessem ser”. Nem a escola, tampouco as fábricas, ou qualquer outro organismo social poderiam determinar *a priori* o que os sujeitos deveriam vir a ser. O pensamento de Gramsci amplia as possibilidades para refletirmos sobre um processo emancipatório que vise qualificar a vida, buscando a constituição de uma realidade na qual o ser humano esteja eticamente comprometido para com os outros e o outro, rompendo com a lógica contemporânea que contempla o individualismo, cuja a consequência tende para a destruição do sistema da vida no mundo.

Gramsci, que sempre demonstrou preocupação com a educação ofertada para a classe trabalhadora, em seus escritos busca entender como ocorre o processo de formação da classe dirigente e da classe subalterna. Na busca pelo entendimento do movimento histórico, o autor sardo elabora uma discussão teórica que se apresenta como alternativa para pensarmos numa formação que supere as contradições da realidade que vivenciamos diariamente. Mesmo não tendo sido um teórico da educação, Gramsci contribuiu para esse campo de conhecimento. É na discussão sobre a formação humana que encontramos fundamentos para construir uma nova sociabilidade, visto que também é por meio

¹⁶ Mestre em Educação – UFPEL. Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Mato Grosso. E-mail: evandrosduarte@gmail.com.

¹⁷ Antonio Gramsci nasceu em 22 de janeiro de 1891, na comuna italiana de Ales, na região da Sardenha, por isso, em alguns momentos os seus intérpretes referem-se a ele como “autor sardo”. No presente texto também fazemos essa referência, além de citarmos Gramsci como “autor italiano”.

da educação que os processos históricos podem se modificar. Certamente, não estamos negando a máxima marxista de que a luta de classes acontece no campo econômico, entretanto, como bem destaca Gramsci, também é no campo da superestrutura que acontece a transformação social radical.

O texto ora apresentado discute os conceitos gramscianos que podem fundamentar a elaboração de uma teoria da educação centrada na emancipação e na qualificação da vida humana, discutindo os pressupostos da superestrutura social, que na contemporaneidade está baseada no individualismo e na alienação política e social. A crítica gramsciana sobre as condições culturais e sociais impostas pelo capitalismo pode permitir uma reflexão filosófica sobre a vida humana. Tendo no horizonte uma práxis comprometida com o outro, e não somente baseada no utilitarismo e no individualismo capitalista. A discussão que propomos sobre a formação e qualificação da vida humana tem como base os seus *Escritos Políticos* (1910-1926), sendo que, neste texto, concentramos nossa análise especialmente sobre os aspectos relacionados a formação cultural e a luta política.

2 Os *Escritos Políticos*¹⁸ (1910-1926) no contexto da produção intelectual de Gramsci

Os *Escritos Políticos* gramscianos reúnem mais de 1700 títulos, sendo quase o dobro de sua produção carcerária. Todavia, Gramsci nutria sobre eles um olhar crítico, até por isso, mesmo em vida, optou por não publicar nenhum deles, apesar de vários convites para organizar coletâneas desses textos. Segundo ele próprio, foram escritos “para morrer ao fim do dia”, até por referirem-se a fatos cotidianos e não propriamente a uma reflexão teórica sobre conceitos. Porém, alguns desses textos ultrapassam o “fim do dia” e projetam-se *für ewig* (para sempre), como o próprio ensaio que Gramsci estava escrevendo quando foi preso “*Alguns temas da questão meridional*” (COUTINHO, 2004).

A relevância dos *Escritos Políticos* é comprovada pelo grau de profundidade e clareza teórica presentes nos textos dessa época. Nos seus textos jornalísticos, Gramsci discute questões culturais, apontando os elementos necessários a

¹⁸ Os chamados *Escritos Políticos* (ou pré-cárcere) são os escritos jornalísticos de Gramsci, textos que o autor italiano escrevia aos jornais socialistas e comunistas na Itália, além de alguns textos para discussão interna do Partido Socialista e, posteriormente, do Partido Comunista. Também datam desse período algumas cartas aos companheiros de partido. O primeiro escrito que conhecemos de Gramsci é seu trabalho escolar: “Oprimidos e opressores”, de 1910, em que Gramsci analisa a luta que o homem trava contra sua própria espécie para dominar e oprimir e, ao mesmo tempo, criar as condições para a liberdade.

formação intelectual do proletariado, sendo que, para o autor italiano, a conscientização dos subalternos somente é possível por meio de uma formação cultural tão sólida quanto a formação política. Assim, desde seus escritos juvenis, Gramsci articulava o papel da formação cultural ao da formação política. Formação cultural capaz de propor a conscientização sobre as condições sociais vigentes, e a necessidade de pensarmos coletivamente, direcionando a reflexão e a ação concreta para a emancipação humana.

Em seus textos jornalísticos escritos no período entre 1910 e 1919, Gramsci trata majoritariamente da relação entre socialismo e cultura. Analisando a importância da cultura no processo de formação da classe trabalhadora, bem como o papel da formação cultural na construção das condições necessárias para a emancipação. Gramsci defende que é por meio da luta das ideias que nasce o processo revolucionário. No cárcere (1929-1938), Gramsci viria avaliar que nesse período da sua vida sofria forte influência do pensador italiano Benedetto Croce (1866-1952). Além disso, Gramsci, no período pré-cárcere, como um entusiasta da revolução russa, também é fortemente influenciado pelas ideias defendidas por Lênin e seus companheiros da URSS, tendo, portanto, tomado importância nos seus textos e na sua interpretação sobre o processo de revolução as ideias difundidas pela Internacional Comunista (COUTINHO, 2004).

Nos anos de 1919 e 1920, Gramsci dedicava-se a teorizar os Conselhos de Fábrica, entendidos por ele como a expressão italiana dos soviets russos. Nesse período, a Itália passava por uma crise econômica e social, com fortes manifestações políticas das classes subalternas, havendo a tomada de algumas fábricas em Turim. Gramsci participa ativamente desse momento, que viria a ser conhecido como biênio vermelho. Assim, os escritos desse período são marcados pela disputa do proletariado italiano com a burguesia nacional. Ao final desse período, com a derrocada dos conselhos de fábrica, o autor sardo começa a discutir a questão do partido político, entendido como a organização social capaz de transcender o papel dos sindicatos, os quais ainda estão sobre a ordem do capitalismo. É nesse período que Gramsci busca conhecer com mais rigor teórico os escritos de Lenin, entendendo-os como uma possibilidade para analisar a situação italiana.

Entre os anos de 1921 e 1922, Gramsci se preocupa com a ascensão fascista na Itália, analisando e entendendo o fascismo como um movimento de classe, em que a burguesia começa a buscar solidificar a sua hegemonia, por meio da rearticulação do bloco histórico, que havia sofrido fissuras com o biênio vermelho. O autor italiano aponta, nesses textos, que a base social do fascismo é a

pequena burguesia, sendo ela a responsável pela sustentação política para a manutenção do sistema.

Durante o período de 1922-1924 o autor italiano permanece na União Soviética (URSS) como delegado da Internacional Comunista (IC). Gramsci, nesse período, começa a trabalhar e escrever sobre temas que, posteriormente, fariam parte de sua reflexão mais profunda, presentes nos *Cadernos do cárcere*. Também é nesse período que Gramsci adere à proposta leninista de frente única, e, entre seus escritos, encontramos várias cartas escritas aos seus companheiros de partido. Na sua maioria as cartas desse período tinham como finalidade a articulação do Partido Comunista Italiano (PCI) com a proposta defendida por Lenin.

Não há uma ruptura entre os *Escritos* pré-cárcere com relação aos *Cadernos* gramscianos. Entretanto, é importante considerarmos que o “jovem” Gramsci buscava elaborar uma análise conjuntural da sociedade, nunca houve um afastamento teórico para analisar quais seriam as condições necessárias a luta do proletariado. O distanciamento (forçado) que Gramsci alcança a partir do cárcere faz com que ele consiga perceber elementos e fatos que passavam despercebidos nos textos jornalísticos. Além disso, segundo Coutinho (2011), há em Gramsci a mesma preocupação de Marx: incluir na totalidade e de forma histórica os fatos particulares que eram analisados e criticados.

Considerando os *Escritos Políticos* como um “esboço” do que Gramsci iria desenvolver no cárcere, iremos analisar o papel da formação cultural no processo de luta política. Sem ter a preocupação de esgotar o debate acerca das respostas que esses escritos suscitam, buscaremos fazer a articulação dos conceitos presentes na obra do autor italiano, com a finalidade de pensar o processo de formação humana em Gramsci. Formação que possibilite aos subalternos as condições intelectuais para a construção da emancipação humana. Emancipação baseada numa sabedoria de vida que coloque os outros e o mundo como elementos fundantes de toda ação humana.

3 Entre a luta e a formação: a práxis política como a mediadora da formação cultural

Em seus escritos jornalísticos, Gramsci busca analisar a totalidade de questões que envolvem o processo revolucionário, não tendo como fim a formação em si. Contudo, na busca de construir o caminho para o nascimento de uma nova sociabilidade, ele propõe formas de elaborar o processo de

conscientização. O meio apontado por Gramsci (2004) para adquirirmos a consciência coletiva é a práxis política, que somente é alcançada através de uma formação cultural ampla para a classe trabalhadora. Pensamos que, com isso, seja possível articular conceitos em torno de um processo de formação onde a reflexão sobre a vida e o mundo estejam presentes. Que a reflexão filosófica sobre o processo de formação tenha no horizonte o ideal de emancipação plena, onde a classe subalterna alcance as condições materiais e intelectuais capazes de torná-la dirigente política.

Gramsci (2004) – que viveu num período histórico conturbado, onde o fascismo estava em plena acessão – além de viver intensamente a Revolução Russa de 1917, pensa o processo de formação dentro de uma concepção de mundo hegemônica, que estava vinculada ao catolicismo, ou seja, a formação acontecia dentro dos parâmetros estabelecidos pela Igreja Católica, a qual tinha forte influência na Itália. Por isso, posteriormente, em seus *Cadernos*, Gramsci vai identificar os clérigos como intelectuais tradicionais e, ao mesmo tempo, intelectuais orgânicos¹⁹.

Como militante político e intelectual ligado à classe subalterna, Gramsci (2004b) tinha a preocupação de identificar as estratégias utilizadas pelas várias frações da classe dominante, dentro dessa “guerra de posição”, percebendo que o processo de construção, divulgação e solidificação de uma determinada forma de cultura tem papel importante na construção do consenso. Ou seja, para dominação de uma classe sobre outra, é preciso destruir a cultura dos oprimidos, numa clara “guerra de posição”. Ao conseguir isso, a classe opressora busca a divulgação de uma nova cultura capaz de criar o consenso necessário.

Partindo dessa análise, Gramsci buscou identificar o modo como a classe dirigente obtinha o consenso, que em alguns momentos é um consenso ativo. Ou seja, no consenso ativo, a classe subalterna não somente se submete ao projeto de sociedade da classe dirigente, como também colabora para a solidificação do projeto. Porém, em alguns momentos o conjunto da sociedade permite um

¹⁹ Gramsci (2001) aprofunda e sistematiza nos *Cadernos do Cárcere* sua análise sobre o papel formativo e diretivo que os intelectuais exercem dentro da sociedade. Nessa análise, o autor italiano vai definir o que entende por “intelectual tradicional” e “intelectual orgânico”. A *grosso modo*, o intelectual tradicional está vinculado ao modo de vida anterior. Para exemplificar, Gramsci cita o Padre, que era um intelectual orgânico no sistema feudal, já que foi “gestado” dentro do modo de vida feudal, mas que é assimilado pelo sistema capitalista, acabando por se tornar um intelectual tradicional, pois a sua existência precede a organização do sistema social capitalista. Enquanto o intelectual orgânico é aquele intelectual produzido pelo sistema moderno vigente, como, por exemplo, o empresário, ou até mesmo o técnico das mais diversas questões produtivas no sistema capitalista. Os intelectuais, para Gramsci (2001), além de uma função formativa, também têm uma função diretiva, já que são capazes de articular o processo de conscientização para ambas as classes (dirigente e/ou subalterna).

consentimento passivo, aceitando a concepção de mundo, o projeto político, assim como as formulações e práticas culturais da classe dirigente de forma indireta, sem um engajamento político com o projeto (MARTINS e NEVES, 2013).

Gramsci (2004) afirma que, para entendermos o movimento de solidificação do projeto de sociedade defendido pela classe dirigente, precisamos analisar como as dimensões sociais, políticas e culturais da realidade capitalista agem sobre o processo de formação da classe subalterna. Já que um dos meios com o qual a classe dominante consegue o consenso (ativo, ou passivo) da classe subalterna é através do processo de formação. Dessa forma, cabe a classe subalterna e aos intelectuais orgânicos da classe trabalhadora, a identificação das formas e dos mecanismos pelos quais seria possível construir estratégias revolucionárias. Onde possibilitem-se meios para reverter a lógica da superestrutura hegemônica dominante, permitindo aos trabalhadores as condições intelectuais e materiais necessárias para a emancipação. Nesse sentido, o processo de formação é elemento fundante na “guerra de posição” que se dá na superestrutura social, por isso, o pensar reflexivo é o caminho para a construção e solidificação de um ideal de classe voltado para o proletariado.

3.1 A cultura enquanto bem universal: a luta cultural como fundamento do processo de formação

Gramsci, em seus escritos jornalísticos, sempre teve no horizonte que o processo de formação era o meio pelo qual a classe trabalhadora se tornaria dirigente político, econômico e cultural. Contudo, para que isso seja possível, é necessário que a classe subalterna tenha elementos culturais para contrapor à cultura dominante capitalista. Assim, o camponês se tornar agrônomo não é o mais importante, o valor da formação encontra-se em o camponês vir a ser dirigente político das suas próprias ações (Gramsci, 2004). Enxergando no processo formativo uma função crítica e que somente acontece de maneira fundamentada com uma formação cultural sólida (MONASTA, 2010).

[...] Gramsci pensa a questão da formação do indivíduo como uma função estratégica da política de implementação do projeto de uma classe, na perspectiva de se fazer hegemônica, como tarefa de uma vanguarda sobre a militância, como responsabilidade dos mais velhos perante os mais jovens, na perspectiva de criar formas mais avançadas de civilidade (VIEIRA, 1999, p. 51).

Importa, então, entendermos como as questões da formação humana e da luta cultural inserem-se na teoria política gramsciana. Considerando a ideia de que, para Gramsci, todas as dimensões formativas direcionam-se para a luta revolucionária da classe subalterna. Que por meio da práxis política e da luta cultural busca a conquista da hegemonia. Nesse sentido, torna-se essencial analisarmos como Gramsci elabora o seu conceito de cultura. Conceito que está colocado como um ponto fundamental na concepção de formação humana que tenha no horizonte a emancipação. Formação que se constitui como um processo complexo e contraditório de disputa cultural para a construção da hegemonia da classe proletária (VIEIRA, 1999).

[...] O elemento “espontaneidade” não é suficiente para a luta revolucionária: ele jamais leva a classe operária a superar os limites da democracia burguesa existente. É necessário o elemento “consciência”, o elemento “ideológico”, ou seja, a compreensão das condições em que se luta, das relações sociais em que o operário vive, das tendências fundamentais que operam no sistema dessas relações, do processo de desenvolvimento que a sociedade sofre pela existência em seu seio dos antagonismos inelimináveis etc (GRAMSCI, 2004b, p. 293-294).

Gramsci, em seu texto “O *sillabo* e Hegel”, de 1916, argumenta que as questões de cultura não são simples criações das ideias que podem ser resolvidas por banais abstrações da realidade (GRAMSCI, 2004). Precisamos entender a cultura em sua realização concreta, ou seja, a questão da cultura é um problema concreto e deve ser analisado dessa forma. Somente assim será possível estabelecer como a cultura contribuiu no processo de formação e luta política. Por isso, a questão da “consciência” é um fator fundamental para formulação de uma proposta de sociedade que valorize o coletivo, que entenda eticamente os outros como constituidores do mundo e da vida, sendo função dos subalternos conduzir esse processo revolucionário.

Já em seu primeiro escrito, um texto escolar apresentado ao final do Ensino Médio, em 1910, denominado de “Oprimidos e opressores”, Gramsci (2004) defende que os povos dominadores acusam os dominados de serem bárbaros. Argumentando que há a necessidade de civilizar os povos “conquistados”, sendo a “ausência” de cultura dos “povos bárbaros” a justificativa para opressão as quais serão submetidos. Tomando também todas as condições materiais, impossibilitando-os de terem sua própria cultura e meios para luta pela hegemonia social e econômica.

Gramsci argumenta que a desqualificação da cultura dos oprimidos é a forma pela qual os opressores “tomam” dos dominados qualquer possibilidade

de organização de uma “consciência” coletiva. Impossibilitando pensarmos numa vida refletida que valorize as várias formas de cultura. Impondo os processos formativos (a cultura) dos dominadores sobre as outras formas de pensamento, na tentativa de fazer com que o processo ideológico domestique os povos dominados. No entendimento do autor italiano, o processo formativo toma certa centralidade, pois é por meio da formação que os povos opressores buscam alcançar o consenso dos povos oprimidos (GRAMSCI, 2004).

Na tentativa de romper com essa lógica, Gramsci busca ampliar o conceito de cultura, não recusando a ideia de cultura como um bem universal, mas acrescentando que a cultura não é somente o que foi produzido por intelectuais. Nem que a produção cultural depende apenas da iniciativa da classe dirigente, que impõe às classes populares um modo de ser específico. Pelo contrário, a classe subalterna também produz conhecimento e cultura, somente não está sistematizada dentro da lógica comumente pensada (GRAMSCI, 2004).

É importante dizer que o pensador italiano não tinha como preocupação central teorizar a noção de cultura (MARTINS; NEVES, 2013). Porém, já percebemos em seus escritos pré-cárcere (principalmente entre 1916-1920) o germe da questão cultural²⁰. Escritos que estão estreitamente relacionados com suas intervenções políticas. Nesse período, Gramsci direciona sua crítica ao academicismo e ao positivismo, presentes na vida universitária italiana. Gramsci – que compreendia ser a cultura o único bem universal, mesmo que o seu acesso fosse restrito a apenas uma classe – defendia que a situação de exclusão da classe trabalhadora em relação ao acesso à cultura mais elaborada não poderia perdurar. Ou seja, era necessário construir meios para que os trabalhadores tivessem acesso às concepções culturais diferentes (VIEIRA, 1999).

Gramsci defende que a forma de superarmos a restrição existente ao acesso à cultura, teria que partir dos organismos sociais ligados a classe trabalhadora, como o partido socialista. Que deveria pensar em um programa escolar preciso, que se diferenciasse dos outros programas já conhecidos, afirmando que: “Contentamo-nos até agora em **afirmar o princípio genérico da necessidade da cultura**, seja elementar, profissional ou superior; e este princípio foi por nós desenvolvido e propagandeado com vigor e energia” (GRAMSCI, 2004, p. 73, grifos nossos). O autor italiano não vai abandonar essa posição e, como é

²⁰ Nesse período (1916-1920), Gramsci está ligado ao movimento socialista italiano e, assim, tinha no seu ideal uma sociedade socialista. No período seguinte, vemos um Gramsci comunista, muito ligado ao ideal de sociedade defendida pela União Soviética de Lênin. No período de 1916-1920, vê-se um Gramsci ainda ligado às teorias idealistas, mas isto não significa que haja um corte epistemológico no pensamento do autor sardo, porém, há uma superação por incorporação destas concepções (idealista/materialista).

possível perceber nos escritos carcerários, na proposta da Escola Unitária, ele vai reafirmar esse princípio, expondo a necessidade de uma formação cultural sólida. Em que o intelectual orgânico da classe trabalhadora seja o responsável por organizar e difundir a cultura subalterna para a construção histórica da emancipação.

Parafraseando Novalis e a interpretação de Vico sobre o dito de Sólon “Conhece-te a ti mesmo” – que foi apropriado posteriormente por Sócrates – Gramsci em seu artigo “Socialismo e Cultura”, de 1916, apresenta seu conceito de cultura, mesmo que de forma embrionária, revelando qual seria o papel da cultura na formação dos trabalhadores. Essa interpretação gramsciana coloca o “Conhece-te a ti mesmo” como uma expressão do proletariado, ou seja, expõe a necessidade de os trabalhadores reconhecerem-se como sujeitos do processo histórico e no mesmo nível cultural da classe dirigente²¹ (GRAMSCI, 2004).

Ainda nesse texto, o autor italiano analisa o fato de os trabalhadores pensarem que são de *origem baixa*, enquanto a burguesia seria de *origem divina*. O autor italiano critica a visão de mundo que estabelece essa interpretação da realidade, não concordando que há uma superioridade intelectual entre uma classe e outra. Gramsci defende que *todos têm a mesma natureza humana*. A única diferença entre as duas classes reside nas condições socioeconômicas, enfatizando ainda que a classe trabalhadora detém as mesmas capacidades de alcançar certo grau de cultura (GRAMSCI, 2004).

Conhecer-se a si próprio, no entendimento de Gramsci (2005), é ser dono de si, da sua própria consciência, da ordem e da disciplina dos seus esforços, porque quando a classe trabalhadora dominar sua consciência, tenderemos para uma nova sociabilidade. Todavia, para isso, é preciso conhecer os outros, a história, e o modo como aconteceram os esforços dos homens para chegar até hoje, aprendendo no processo formativo que o processo cultural não acontece porque uma classe é superior culturalmente à outra. Para criarmos a civilização que queremos, precisamos conhecer a civilização que queremos substituir, conhecendo as leis que governam o espírito (GRAMSCI, 2004). “E aprender tudo sem perder de vista o objetivo último que é o de conhecer-se melhor a si próprio

²¹ Nos seus *Cadernos*, já no cárcere, Gramsci (1999) vai defender que: a classe subalterna está envolta pelo senso comum e por justificativas folclóricas, havendo uma necessidade inerente de sistematização e superação dessas visões, sempre numa perspectiva científica. Embora faça essa crítica, o autor sardo entende que nessas formas de compreensão da realidade existe um conhecimento estabelecido. O que a classe trabalhadora precisa é um direcionamento dos intelectuais para que o proletariado saia do senso comum para a Filosofia, para o conhecimento filosófico.

através dos outros e os outros através de si próprio” (GRAMSCI, 2004, p. 57). Segundo ele,

A cultura é algo bem diverso. É organização, disciplina do próprio eu interior, apropriação da própria personalidade, conquista de consciência superior: e é graças a isso que alguém consegue compreender seu próprio valor histórico, sua própria função na vida, seus próprios direitos e seus próprios deveres (GRAMSCI, 2004, p. 58).

A cultura exerce um papel essencial na conscientização dos sujeitos e a vida está no centro de toda a formação cultural. Ou seja, é por meio da ação cultural que criamos a consciência do que podemos fazer para o processo de transformação radical da sociedade. Sendo por meio da formação cultural sólida que promoveremos uma ação organizada dos trabalhadores, suscitando uma reflexão filosófica no sentido de construção da própria identidade da classe subalterna. Contudo, isso não acontece por uma evolução espontânea. É necessário um longo caminho, um processo formativo que possibilite a classe trabalhadora acesso à cultura, mas que também garanta a valorização da sua própria concepção cultural, sendo o coletivo detentor do processo de transformação que não acontecerá de forma “espontânea” e “natural” (GRAMSCI, 2004).

Também é tarefa dos organizadores da cultura proletária desvelar que a mesma *natureza humana* entre classe subalterna e classe dirigente é observada no fato que todos têm algum conhecimento prévio sobre a vida humana, o qual nem sempre é sistematizado, mas que é expressado nas mais variadas formas da cultura popular. Além disso, a prática do trabalho também agrega saber à cultura, e a classe trabalhadora contribui de forma significativa para as modificações que as técnicas do trabalho sofrem (GRAMSCI, 2004).

O proletariado precisa reconhecer no que faz uma forma de cultura, que talvez ainda não esteja refletida e organizada, mas, que traz em si elementos importantes para a sua própria formação. Gramsci crítica de forma veemente os intelectuais que se julgam superior culturalmente por saber “um pouco de latim e de história”, enfatizando que isso não é cultura. Como ele mesmo adverte, “[...] isso não é cultura, é pedanteria, não é inteligência, mas bagagem intelectual, e contra ela se reage com razão” (GRAMSCI, 2004). Afirmando que:

É preciso perder o hábito e deixar de conceber a cultura como saber enciclopédico, no qual o homem é visto apenas sob a forma de um recipiente a encher e entupir de dados empíricos, de fatos brutos e desconexos, que ele depois deverá

classificar em seu cérebro como nas colunas de um dicionário, para poder em seguida, em cada ocasião concreta, responder aos vários estímulos do mundo externo. Essa forma de cultura é realmente prejudicial, especialmente para o proletariado (GRAMSCI, 2004, p. 57, grifo nosso).

Gramsci entende que essa concepção de cultura, desligada da realidade histórica, diminui o conhecimento e a organização da cultura do proletariado, sendo apenas benéfica à burguesia. Ajudando a criar “marginais” e indivíduos que acreditam serem superiores aos outros, apenas por dominar datas e fatos históricos, sem uma leitura crítica desses acontecimentos. Ele continua o texto criticando a desvalorização cultural do operário, o qual mesmo exercendo uma função social importante, tem seu saber desvalorizado. Dessa forma, temos que entender a cultura como meio para a conscientização dos subalternos, sendo que a formação cultural deve estar em função da transformação social radical da vida humana.

Ao afirmar que a cultura não é um saber enciclopédico, o autor italiano reafirma a necessidade de superarmos a visão de mundo que defende ensinar a cultura e o conhecimento como eventos separados da realidade. Como se fossem acontecimentos prontos e acabados, em que contaram apenas os esforços de grandes gênios para que houvesse a formação da sociedade que vivemos, porque assim, os trabalhadores acabam aceitando a tese de que não existe a possibilidade de transformação radical da sociedade.

A “reforma intelectual e moral” faz parte da revolução cultural necessária para a transformação radical da sociabilidade e, desde os escritos jornalísticos, Gramsci exponha essa preocupação. Mesmo posteriormente admitindo que nesse período tivesse uma tendência idealista, Gramsci percebe que sem uma preparação cultural da classe trabalhadora não haveriam condições dos subalternos²² tornarem-se dirigentes.

O processo de apropriação da cultura pela classe subalterna é necessário para a derrocada do capitalismo. É fundamental fazer a crítica à civilização capitalista, por meio da consciência unitária do proletariado. Quando fala em crítica, Gramsci (2004) busca referir-se à necessidade de uma sólida formação cultural, ou seja, a discussão teórica e ideológica acontece por meio de elementos

²² Gramsci se referia a classe trabalhadora como classe subalterna, já que, no seu entendimento, a condição de luta política da classe trabalhadora é de submissão, onde a classe dirigente, que é majoritariamente a classe burguesa, detém os meios de produção da vida social. Para Gramsci, somente com as condições históricas e sociais qualificadas pela classe subalterna poderemos superar o processo de alienação e dominação impostas pelo sistema capitalista. Condições que são construídos na luta política, social, cultural e econômica, além do processo de formação humana, que é mediada pelos fatores sociais, políticos, econômicos, etc.

culturais que obtemos no processo formativo. A crítica não acontece pela evolução espontânea da consciência.

No texto “Socialismo e Cultura”, Gramsci afirma justamente que: “o homem é sobretudo espírito”, não somente natureza, ou seja, ele toma conhecimento de sua existência quando tem consciência do seu papel na história, e, tendo existido exploradores e explorados, o socialismo não se havia realizado porque o proletariado não havia alcançado certo grau de consciência (GRAMSCI, 2004). Segundo ele, essa consciência adquire-se pouco a pouco:

[...] E essa consciência se forma não sob a pressão brutal das necessidades fisiológicas, mas através da reflexão inteligente (primeiro de alguns e depois de toda uma classe) sobre as razões de certos fatos e sobre os meios para convertê-los, de ocasião de vassalagem, em bandeira de rebelião e de reconstrução social (GRAMSCI, 2004, p. 58).

A revolução acontece quando tomamos consciência coletiva das limitações impostas pelo sistema social vigente, ou seja, a transformação da sociabilidade somente se concretiza quando – por meio da reflexão, que primeiro começa por alguns e depois alcança toda a classe – toma uma proporção ampla. Onde a sistematização do saber acumulado pela classe revolucionária é o primeiro ponto para que a conflagração aconteça (GRAMSCI, 2004).

[...] Isso quer dizer que cada revolução foi precedida por um intenso trabalho de crítica, de penetração cultural, de permeabilização de ideias através de agregados de homens, primeiro refratários e somente virados para resolver dia a dia, hora a hora, o seu problema econômico e político, sem laços de solidariedade com os outros que se encontram nas mesmas condições (GRAMSCI, 2010a, p. 53).

Gramsci entende que toda revolução é precedida por um intenso trabalho de crítica, e essa visão crítica dos acontecimentos históricos somente é possível quando a classe subalterna está consciente da realidade histórica em que vive. Essa consciência somente é alcançada quando há acesso à cultura pela classe trabalhadora. A classe somente constrói-se enquanto classe e reconhece-se como classe quando há essa elevação cultural, ou seja, quando os subalternos se percebem como sujeitos históricos. Colocando a vida e a nova sociabilidade no centro de toda a ação política, cultural, econômica que venha a desenvolver.

O autor sardo se utiliza do exemplo da Revolução Francesa e diz que o período cultural que antecedeu a revolução – o iluminismo – preparou o terreno para a mudança social que estava por vir, em que esse processo não ficou

preso apenas a uma classe, ele tornou-se um clima cultural, onde todos participavam e discutiam sobre o mesmo tema, e a burguesia reconhecia-se como o sujeito histórico, formando-se por toda a Europa uma consciência unitária. Assim, quando há o avanço das tropas de Napoleão, já existia em toda a Europa uma consciência construída quanto a necessidade de o processo revolucionário acontecer. Isso somente tornou-se possível pela difusão cultural que houve. Então, os livros que vinham da França e “tomavam” todo o continente acabaram sendo os precursores da revolução. Sobre o fato de a mesma ter sido sangrenta e utilizada pela burguesia para chegar ao poder é outra questão (GRAMSCI, 2004).

O Iluminismo, enquanto movimento cultural, não foi um esvoaçar de inteligências superficiais que discorriam a respeito de tudo e de todos, como os críticos “fáceis” da razão teórica imaginam. Os homens daquele tempo não imaginavam fazer parte daquela cultura somente depois de ler a Grande Enciclopédia, já eram homens de seu tempo, por de forma indireta contribuírem para propagação da cultura vigente, porque foram seus esforços que fizeram aquela mudança cultural. O Iluminismo não foi um fenômeno de intelectualismo pedante e árido. Foi um movimento que aconteceu na prática, que diferente do que estava acontecendo na Itália naquele momento histórico, foi um movimento cultural que expressava as condições históricas daquele período (GRAMSCI, 2004).

[...] Foi uma magnífica revolução, pela qual, como nota com agudeza De Sanctis na *História da Literatura Italiana*, se tinha formado em toda a Europa, como uma consciência unitária, uma internacional espiritual burguesa sensível em cada parte às dores e às desgraças comuns e que era a preparação melhor para a revolta sanguinolenta que depois se verificou em França (GRAMSCI, 2010a, p. 53-54, grifo do autor).

Segundo Gramsci, o exército de Napoleão já encontrava uma estrada aplaiada pelo exército invisível de livros e de opúsculos que vinham de Paris desde o século XVIII, que tinham preparado homens e instituições para a renovação necessária. A renovação não é uma coisa natural e espontânea, ao contrário, “seria incompreensível se não se conhecessem os fatores de cultura que contribuíram para criar os estados de ânimo prontos para as explosões por uma causa que se julgava comum” (GRAMSCI, 2010a, p. 54).

Com essas afirmações, Gramsci busca enfatizar que toda revolução social e política é precedida por um processo cultural revolucionário. Assim, não é possível acontecer a revolução do proletariado sem que os trabalhadores passem

por um processo revolucionário de formação cultural. Afirmar isso não significa que devemos aceitar a visão de mundo da burguesia, mas que também é necessário por parte da classe trabalhadora apropriar-se de toda a cultura anterior, e a ela agregar os conhecimentos que temos contemporaneamente, seja do trabalho, ou até mesmo daquilo que hoje é considerado como cultura erudita.

O autor italiano entende que é preciso reconhecermos e compreendermos o papel da cultura na construção da consciência e na própria transformação da sociedade. Dado que a nova sociabilidade não acontecerá se o ambiente cultural não estiver pronto, pois os sujeitos não irão reconhecer a transformação como necessária e também não se identificarão com o processo histórico que estará acontecendo. Cabe enfatizar novamente que, para Gramsci, esse processo não é natural e espontâneo, ele é construído com a vontade de alguns, mas que irão aos poucos conscientizar os outros.

Gramsci (2004) em vários de seus textos jornalísticos vai defender que a conscientização somente é possível com uma organização cultural sólida do proletariado. Segundo ele, a vontade humana organizada – e não somente fatores econômicos – possibilitaram a revolução russa. Gramsci também sempre esteve preocupado com o papel da conscientização na formação dos quadros intelectuais da classe trabalhadora, dado que, segundo ele, se os intelectuais orgânicos da classe subalterna não proporem a reflexão crítica ao proletariado, os trabalhadores não estarão prontos quando o capitalismo entrar em crise.

É também na luta cultural que devemos buscar a conquista da hegemonia, onde novos valores são conquistados pela classe subalterna para que os trabalhadores se reconheçam como classe revolucionária. Essa “consciência de classe” somente é possível com a formação cultural sólida, que também considere a cultura constituída pelas gerações passadas, como por exemplo o Renascimento (GRAMSCI, 2004). Gramsci compreende que a formação cultural, a organização da cultura e o processo de difusão da cultura proletária é um meio de afirmação política da classe operária, tendo essas questões presentes em toda a sua construção teórica (VIEIRA, 1999)²³.

²³ O pensador sardo começa a elaborar uma teoria da formação humana quando começa a entender que o processo revolucionário da sociedade é precedido por um processo cultural revolucionário. Um exemplo disso é a mudança que o próprio Gramsci promove em sua vida: “[...] Gramsci troca o trabalho nos periódicos socialistas *Grido del Popolo* e o *Avanti* pela direção da revista de cultura socialista *L'Ordine Nuovo*; o curso universitário pela experiência de organização da classe operária em Conselhos de Fábrica; o Clube de Vida Moral pela organização da versão italiana do *Proletkult* soviético; a militância no Partido Socialista pela direção do Partido Comunista da Itália” (VIEIRA, 1999, p. 58).

[...] Quanto mais a cultura de um indivíduo for sólida e ampla, tanto mais suas opiniões estarão perto da verdade, ou seja, poderão ser aceitas por todos; quanto mais numerosos forem os indivíduos de sólida e ampla cultura, tanto mais as opiniões difundidas se aproximarão da verdade, ou seja, conterão a verdade em forma imatura e imperfeita, que pode ser desenvolvida até a maturidade e a perfeição (GRAMSCI, 2004, p. 179).

É necessário conhecer a história da humanidade, o que contribuiu para o mundo estar da forma como o vemos. Dessa forma, poderemos transformar a sociedade que vivemos e, da mesma maneira, saber os esforços empreendidos por aqueles que tem lutado pela formulação de uma nova sociabilidade. Temos que entender como foi criada a civilização que queremos transformar, conhecendo as leis que governam a consciência, buscando conhecer a si mesmo através dos outros. Ou seja, o sujeito que sou hoje é produto de uma história que talvez eu ainda não conheça, mas, para Gramsci é preciso conhecer e saber como utilizar isso para a conscientização dos outros em relação ao seu papel histórico.

Quando o sujeito toma conhecimento de si e do seu papel revolucionário dentro do coletivo, ele passa a ter a consciência superior que visa transformar a vida humana. Transformando primeiramente o ambiente em que vive, porque se dá conta de que a sociabilidade vigente não possibilita a qualificação e a emancipação da vida humana (GRAMSCI, 2004). Por isso, o pensar crítico é também uma prática revolucionária que possibilita analisarmos a vida humana tendo no horizonte uma sabedoria de vida. Dando início ao processo de conscientização da classe subalterna. Sendo a tomada de consciência um primeiro passo para a transformação social radical.

4 Caminhos finais e novos caminhos

Não é preciso reafirmar o quanto Gramsci foi um defensor de uma educação pública de qualidade, em que houvesse uma formação sólida pela cultura, tendo na emancipação seu grande horizonte. Cabe aqui, para finalizarmos, trazeremos à luz alguns dos apontamentos realizados por Gramsci que buscamos debater durante nosso texto.

Gramsci, o qual no período anterior ao cárcere acreditava – como um jovem idealista – que a revolução aconteceria de forma natural na Itália, percebe, posteriormente, que o processo de transformação social somente suceder-se-ia com a organização da cultura do proletariado dentro de um ideal formativo que não privilegiasse a questão técnica sobre a questão humana. Se no período antes do cárcere ele utiliza-se de forma constante do conceito de emancipação,

ênfatizando que é apenas uma questão de tempo para que a mesma se concretiza à classe subalterna. Após o biênio vermelho, Gramsci revê essa posição, entendendo a necessidade de uma preparação ideológica da classe subalterna, afirmando que, sem um processo de formação amplo e sólido, não seria possível a emancipação.

Para alguns teóricos, por essa razão, Gramsci é o precursor da democracia como um dos meios para a revolução. O autor italiano entende que, nas sociedades onde o capitalismo está mais desenvolvido, a revolução somente aconteceria por meio da via democrática, por meio do consenso, da elaboração de uma consciência coletiva e não pela coerção. A questão do biênio vermelho é fundamental para entendermos a problemática da democracia no pensamento gramsciano.

Assim, a escola, os conselhos de fábrica e as associações de cultura seriam fundamentais para a formação dos cidadãos e para a formação da consciência de classe. Embora não tenhamos aprofundando a questão escolar, das associações de cultura e dos conselhos de fábrica nesse texto, é importante destacarmos que Gramsci não pensa nessas organizações de cultura de forma isolada, mas sim articuladas com as questões essenciais da vida social.

Para Gramsci, mesmo que a base econômica, ou seja, que as condições objetivas estejam sólidas, sem as condições intelectuais e culturais, não teríamos os meios necessários para a transformação radical da sociedade. O processo formativo da classe trabalhadora deveria estar consolidado e organizado de forma clara para que fosse possível a luta pela derrocada do capitalismo.

A questão da luta política, ideológica e cultural fica evidente já em seus *Escritos Políticos*, sendo que neles estão presentes ideias que, posteriormente, o autor italiano vai desenvolver nos *Cadernos*. Somente com a formação desinteressada – que tenha em seu fundamento a cultura entendida da forma como o Renascimento entendeu – seria possível o processo formativo que tivesse em seu fim criar as condições históricas para a sociedade regulada.

Para caminharmos ao final desse trajeto, cabe retomarmos a ideia muito defendida por Gramsci: “pessimismo da inteligência e otimismo da vontade”. Frase do novelista francês Romain Rolland, que o autor italiano via como uma forma de falar da luta revolucionária. Porque precisamos analisar o momento histórico de modo pessimista, ou seja, um pessimismo da inteligência, apontando todas as limitações e implicações do momento histórico, investigando com realismo os fatos contemporâneos, de modo a preparar – do ponto de vista crítico – a construção das condições históricas para a liberdade. Porém, por mais pessimista que seja o momento histórico, não podemos abandonar a vontade

da transformação radical. Nossa vontade deve ser organizadora e motivadora da luta revolucionária, por isso, otimismo da vontade. Otimismo que se faz de forma organizada e preparada. Nunca somente pela vontade, mas pela inteligência, pela organização, pela cultura, pela práxis política, sempre tendo no horizonte a liberdade, o pensamento livre e a livre criação.

Ao falarmos sobre liberdade e sobre a maneira como Gramsci a compreendia, parece-nos necessário dizer que os caminhos do pensamento do autor italiano estão entrelaçados à ideia de sermos livres. De sermos o que desejamos ser, não havendo uma limitação natural para a liberdade, mas sim social, que deve ser superada. Ao defendermos a liberdade enquanto horizonte, não se pode esquecer o preço que teremos que pagar e a luta que vamos travar. Nesse sentido, o marxista italiano tem muito a contribuir, sendo fundamental estudarmos seus escritos para termos subsídios teóricos para a construção das condições sociais e históricas para uma vida mais humana e livre.

REFERÊNCIAS

ANTONIO GRAMSCI. In: BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2001. p. 165-168.

COUTINHO, Carlos Nelson. Introdução. In: GRAMSCI, Antonio. **O leitor de Gramsci**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

COUTINHO, Carlos Nelson. Introdução. In: GRAMSCI, Antonio. **Escritos políticos**, v. 1: 1910-1920. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GRAMSCI, Antonio. Socialismo e Cultura. In: MONASTA, Attilio. **Antonio Gramsci**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana. 2010a. p. 51-55.

GRAMSCI, Antonio. A escola do trabalho. In: MONASTA, Attilio. **Antonio Gramsci**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana. 2010b. p. 55-58.

GRAMSCI, Antonio. **Escritos políticos**, v. 1: 1910-1920. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004a.

GRAMSCI, Antonio. **Escritos políticos**, v. 2: 1920-1926. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004b.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001a.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**: Introdução ao estudo da Filosofia. A filosofia de Benedetto Croce. v. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

MARTINS, Angela Maria Souza. NEVES, Lúcia Maria Wanderley. Materialismo histórico, cultura e educação: Gramsci, Thompson e Williams. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, nº 51, p. 341-359, Jun., 2013.

MONASTA, Attilio. **Antonio Gramsci**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana. 2010. 154 p.

VIEIRA, Carlos Eduardo. OLIVEIRA. Cultura e Formação Humana no Pensamento de Antonio Gramsci. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 25, n. 1, p-51-66, jan./jun. 1999.

